



Um repórter francês viajou de Paris à floresta brasileira para documentar os últimos dias dos Wayana-Aparai

AMAZONAS

O fim de uma tribo

Reportagem de Frédéric-Richard Borg • Fotos Keystone

Os índios são uma raça em extinção. No início da colonização do Brasil, eles eram um milhão, hoje estão reduzidos a uns sessenta mil. Um repórter francês — Frédéric-Richard Borg — visitou a tribo dos Wayana-Aparai em seu mundo secreto, no interior da Amazônia. Eles eram três mil e agora são apenas cento e sessenta. É o que conta o repórter.

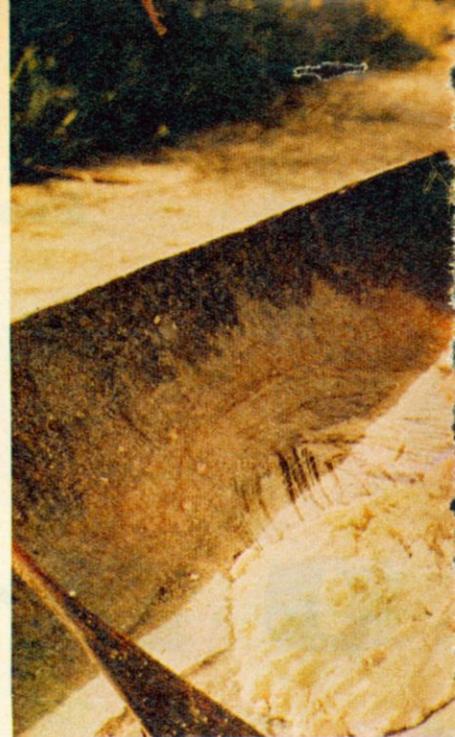
O Catalina, que me conduzirá à floresta amazônica, levanta vôo em Belém do Pará. Ao final de alguns minutos, vejo à direita a ilha de Marajó, famosa por seus búfalos. É lá que terminam os 6.570 quilômetros do rio Amazonas, nascido em Cuzco, capital dos incas, no Peru. O Amazonas contém vinte por cento da água doce do mundo e alcança cem quilômetros de largura em seu trecho mais imponente. Seus principais afluentes abaixo do equador são o Tocantins, o Xingu e o Tapajós. Acima da linha do equador, o Jari, o rio Negro e o Putumayo. Nosso destino é o Paru, afluente do Jari, mas de menor importância. Sobrevoamos a floresta, que parece estender-se até o infinito. Nossa primeira escala é Almerinda, onde descem alguns passageiros. Às 12 horas, há nova parada. Desta feita, em Santarém, antiga Forte Tapajós. Calculo que nossa velocidade de cruzeiro é de 230 quilômetros horários. À época do avião Mach-2, isto chega a ser poético. Às 14h30min, pousamos numa pista precária, no seio da floresta. Estamos entre os Tirio-Caxianas, na fronteira do Suriname, ex-Guiana Holandesa. Alguns índios se aproximam timidamente da pista. Outros se mantêm afastados, em suas malocas. É para lá que me dirijo, atacado por centenas de mosquitos — os piuns, que me impedem de acionar minha máquina de filmar. Uns poucos índios se aproximam, dizendo-me palavras que naturalmente não me esclarecem nada.

SEGUE



Na solidão da Amazônia, três índios conversam diante de sua maloca coberta com sapê. Eles ainda usam suas penas tradicionais, mas já calçam sandálias havaianas. Os Wayana-Aparai, que habitam às margens do rio Paru, são uma raça saudável, mas as crianças têm o abdômen muito inchado, consequência das verminoses.

NAS aldeias indígenas, os homens têm que pescar, caçar e preparar as refeições, enquanto as mulheres cuidam apenas dos filhos



As mulheres da tribo dos Wayana-Aparai limitam-se em geral a tratar dos filhos, enquanto os homens preparam





as refeições, à base de mandioca, transformada em pasta sobre um grande tabuleiro.



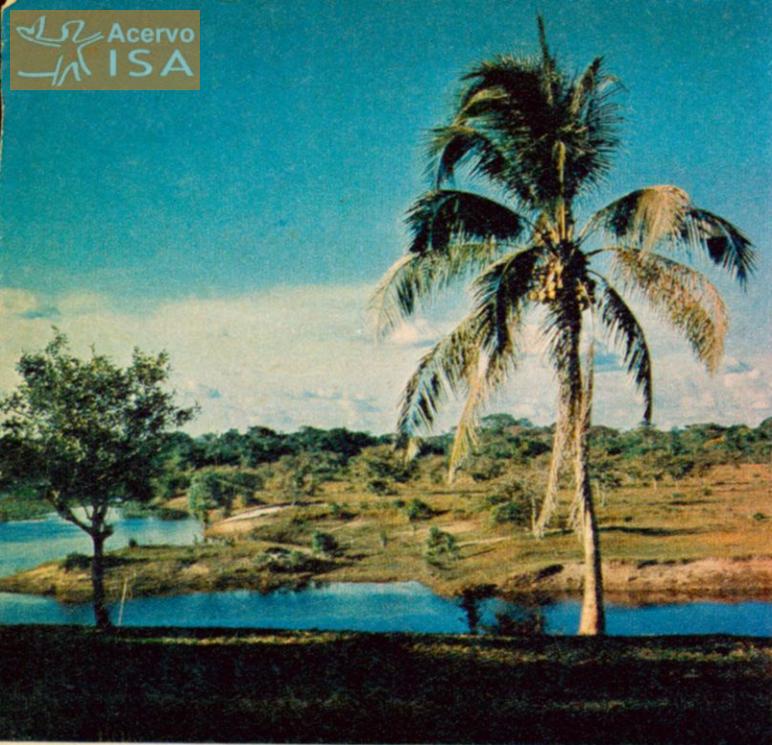
SINTO-ME sufocado pelo calor e pelos mosquitos e por isso mal posso observar a beleza das mulheres, com seus longos cabelos negros, e a figura atlética dos homens. Uma índia, mais gentil, se aproxima de mim e me oferece uma espécie de ventarola. Voltamos para bordo, pois o nosso tempo de permanência no local — uma hora — se esgotara. No avião, procuro alguns remédios para me proteger de futuras picadas de insetos. No exterior, é o verde da floresta interminável. Consulto a carta de bordo e verifico que sobrevoamos a serra Tumucumaque. Dirigimo-nos para a região sudeste, no rumo do rio Paru, a uns cento e cinquenta quilômetros da Guiana Francesa. Ali encontraremos os índios Wayana-Aparai. Informam-me que eles se encontram em vias de extinção, pois nos últimos cento e cinquenta anos seu número caiu de três mil para cento e sessenta. A razão: as doenças contraídas nos raros contatos com a civilização. Esses contatos são estabelecidos principalmente através dos seringalistas, garimpeiros e aventureiros que vão em busca de madeiras nobres no interior da floresta.

Quatro semanas em plena floresta em contato com os índios

Em 1970, a Força Aérea Brasileira abriu um campo de pouso às margens do rio Paru. Parece que é o único meio de se salvarem os Wayana-Aparai, tribo em que nos últimos cinco anos se têm registrado mais mortes que nascimentos ao longo de suas doze aldeias, espalhadas por cento e sessenta quilômetros de extensão. Numa dessas aldeias — a Bona —, instalou-se um posto da Funai — Fundação Nacional de Ajuda aos Índios. Nos arredores vêem-se as ruínas de um forte histórico, o Paru, destruído em 1690 durante uma luta entre franceses e portugueses. Vejo de bordo duas malocas de índios, às margens do rio Paru. O avião faz uma manobra e desce nas proximidades da aldeia Bona, onde permanecerei durante quatro semanas, em contato com os índios. Lembrando Lamartine, estou no país onde o tempo ficou em suspenso, onde as horas deixaram de soar. Aqui, o tempo simplesmente não existe. Estou verdadeiramente no fim do mundo. Vim encontrar-me com outros homens — com índios. Ao seu lado, encontro um ser que eu decididamente não esperava rever — eu mesmo. Estou muito longe de Paris, mas isso não me debilita espiritualmente. É uma experiência magnífica, que todos os homens deveriam conhecer. No centro do povoado, aguardam-me numa casa humilde, de palafitas, destinada aos visitantes. É lá que me instalo, com um mosquiteiro a proteger-me. Um índio chega para me cumprimentar. Entendêmo-nos pela linguagem universal da mímica.

SEGUE

Os índios passeiam de barco e pescam nas águas do rio Paru. Em seus momentos de lazer, cantam e dançam em torno de fogueiras, ou brincam com os cachorros.



O céu sempre azul, a paisagem permanentemente verde e enormes borboletas são algumas características do mundo de paz dos índios, que passaram, no entanto, a usar alguns adornos dos civilizados, como anéis (foto acima).

O S Wayana-Aparai recebem seus visitantes com danças e banquetes à base de carne de jacaré

O FERREÇO-LHE cigarros, que ele diz apreciar, através de gestos repassados de entusiasmo. Ele também me dá um cigarro — dos que são feitos na floresta, com uns vinte centímetros de comprimento. São excelentes esses enormes cigarros de palha, que não intoxicam o organismo, como os dos civilizados. O chefe da tribo, Touarinke, me convida a visitar sua casa. Sua mulher me espera com um **banquete**. Várias pessoas estão sentadas em torno de um grande prato. Não usam talheres. Comemos carne, muito bem cozida, com pão. Não sei que espécie de carne me é servida. Talvez seja de jacaré, de cobra, é impossível precisar. (Depois venho a saber que é jacaré.) Passo o resto da tarde em companhia de um guia, percorrendo trechos da floresta. Quando a noite começa a baixar, recolho-me à minha casa. Lá fora, os índios conversam animadamente em torno de uma pequena fogueira. Durmo mal. Talvez devido à emoção de me encontrar ali, no seio da floresta, talvez devido aos mucus, mosquitos de incessante atividade — diurna e noturna. Diante da minha queixa, na manhã seguinte, os índios passaram uma tinta — o umucu — em meu corpo. A partir daí, os insetos não me perturbaram mais. A floresta continua a me fascinar. Numa manhã muito quente, proponho a três índios e aos oficiais da FAB que me acompanham uma caminhada pela floresta. Eles aceitam e partimos — devidamente armados. É incrível, mas, apenas começamos a andar entre as árvores, a floresta parece fechar-se sobre nós. É impossível, então, operar qualquer fotografia: as árvores, altíssimas e extremamente frondosas, não deixam passar a luz do sol.

Quatro horas de caminhada em terreno pantanoso

É dia — mas é noite na floresta. Tentamos avançar dentro da mata, mas o terreno cheio de água torna a nossa incursão penosa. Os cipós descem das árvores e formam espessas cortinas vegetais que devemos cortar com facas. A minha frente e dos lados, vejo enormes borboletas e plantas desconhecidas. Tudo aqui é gigantesco: as árvores, as borboletas, as flores. E os pássaros? Encontro-os de todos os tamanhos, cores e cantos. Mas há também encontros perigosos: as cobras, enormes e venenosas, algumas enroscadas nas árvores, o jaguar, o gato selvagem e saúvas gigantes, que matam até animais ferozes e que montam formigueiros de grande profundidade. Após quatro horas de marcha entre belezas e perigos, descobrimos um igarapé, um pequeno rio de águas límpidas que corre sob árvores. Tomo

um banho inesperado, sob o olhar desinteressado de uma preguiça, que não sei como consegue sobreviver naquele mundo hostil. Já é hora de voltar, pois aumenta a escuridão na floresta. Quando chegamos à aldeia, dirijo-me logo para casa, cumprimento os companheiros da FAB e mergulho na rede. Em dez minutos, estou dormindo profundamente — exausto e maravilhado com tudo que vi.

O índio vive essencialmente da caça e da pesca. Nos períodos de estiagem, ele pesca, com arco e com linha, principalmente nas cachoeiras. Pesca a piranha, peixe voraz, mas suculento, ou a **tucunara**, de sete a dez quilos. Usa também outros materiais. Entre eles, o **timbó**, uma planta que, mergulhada na água, paralisa o peixe que se aproxima dela. O peixe é então recolhido com a mão.

A aldeia Bona tem, como as demais, seu feiticeiro, o **Chaman**. Quando este morre, a aldeia é inteiramente abandonada e seus habitantes vão construir uma outra em região distante, "aonde não cheguem os espíritos do Mal." Eles ali reiniciam sua vida normal, entregues à pesca e à caça e ao artesanato.

Um antropólogo alemão que vive entre os índios

A cor preferida é o vermelho-laranja — o **tia tawara** —, que é a cor de suas tangas. Durante minha permanência na selva, vim a saber que numa tribo próxima, a cinco horas de barco, vivia um civilizado. Fui até lá. Tratava-se de um antropólogo alemão, Manfred Rauschert, que vive entre os índios há mais de vinte anos. Ele mora numa região paradisíaca. Ele e sua mulher vestem-se à maneira dos indígenas e já assimilaram todos os seus hábitos, falando até mesmo a língua **caribe**. Ao fim de alguns dias de agradável convívio com o casal alemão, retornei a Bona. Ainda a tempo de assistir a uma emocionante caçada de javalis. Vinte e seis foram mortos, sob ruidosas manifestações. Os índios haviam garantido comida para vários dias. No meu jantar de despedida, comi uma carne deliciosa — eu já sabia com segurança o que comia. Para dar maior pompa ao jantar, os índios vestiram-se com suas roupas de festa, coloridas e cheias de penas. Bebemos, comemos e dançamos juntos, em torno da fogueira. Na manhã do dia seguinte, levantamos vôo, rumo à civilização. Uma civilização que me pareceu, a partir daí, muito menos encantadora em todas as suas conquistas tecnológicas e na enorme gama de seus prazeres. Uma civilização sem a paz, a beleza e a tranquilidade da floresta de onde eu vinha. E sem os banquetes à base de carne de jacaré e de pasta de mandioca amassada com a mão.